

Jornal de Melgaço

ASSIGNATURA		DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR		PUBLICAÇÕES	
Anno.....	1:500	DUARTE AUGUSTO DE MAGALHÃES		Por cada linha.....	40 réis
Semestre.....	800	SÉDE DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO		utras publicações contracto especial.	
Africa (anno).....	2:000	OFFICINA DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO		Numero apulso.....	20 «
Brazil («).....	3:000	CASA DA CALÇADA-MELGAÇO			

Que typos!

Os actuaes senhores da camarilha, teem tal uniformidade de caracter e tal egualdade de sentimentos, que parece que, alguém habituado a compulsar a intelligencia e os dons alheios, escolheu-os a dêdo, tomando para modelo as qualidades que exornam o secretario, para que não houvesse entre elles o menor desacordo, nem a minima reluctancia em sancionar e agir sobre tudo, que desagrada ou offende os interesses dos progressistas e suas conveniencias.

Assim é que, não obstante em numeros consecutivos, têrmos chamado a attenção de tão illustres cavalheiros, para o estado nauseabundo, em que se encontrava o talho, jámais se dignaram tomar quaesquer providencias, attinentes ao cumprimento do contracto feito; isso sim, o talho é progressista, as rézes progressistas e os consumidores bebem da mesma fonte.

Mas o implacavel tempo, que tudo destroe e tudo descobre, lembrou-se agora de provar, que as nossas reclamações eram justas e para nos vingar, expõe-nos n'um ridiculo pasmôso, uma zelosa auctoridade que, desarvorada, cae em peso em cima d'um marchante, não precavido para ataque tão rude, tão inesperado e tão fóra de proposito.

Não foi o cumprimento ás leis, não foi o bem publico, não foram as nossas reclamações de tempos idos, que a isso o levaram; mas foi tão sómente uma precipitação, senão represalla, por não têr sido servido antes de toda a gente, como a sua posição social, no seu entendêr, lhe faculta e lhe garante!

Nós folgamos e rimos sempre com vontade, acvêl-os embrulhados na sua elevada posição, commettêr actos como este, tão justos e tão etificantes que só reforçam a opinião que fazemos a seu respeito.

São tão aproveitaveis, tão bomsinhos os elementos principaes d'esta politica progressista, dirigida a duo, que davam bellos typos para uma revista theatral no genero do *Ali á prêta!*

Um, aperta de encontro ao coração, a casula ricamente bordada, que a sua Dulcinea lhe offertou á sabida da missa do Gallo; outro, faz ao secretario declarações amorosas de tal ordem, que o trazem lamechas a valêr; este, se lhe faltam com o bife, multa tudo, multa todos e até se multa a si mesmo; aquelle, embirra ás sextas-feiras com o carro do Candido, da Calçada, e aos sabbados manda-lh'o alugar em compensação da multa da vespera; est'outro, se vae a Valladares, peixe miúdo que encontre a geito, lança-o ao rio, porque deseja engordar os salmonides do parente; e assim, n'uma cega-

rega continua, estes senhores da situação, vão-nos divertindo gratuitamente, dando-nos o espectáculo triste da nossa decadencia politica e moral.

Felizmente já vão no final do terceiro acto; verêmos que tal é a apothose, porque é n'essa que a Moral tem o seu principal papel.

Cobrança de congruas

O «Jornal de Melgaço» no seu n.º 799, n'uma local com o titulo «Congruas Parochiaes» dava a saber aos seus leitores que ao ex.º governador civil d'este districto, lhe foi determinado que des-se as ordens necessarias para que o administrador do concelho de Monsão, fizesse cumprir as disposições da lei sobre o serviço de lançamento da cobrança das congruas parochiaes, que em esse concelho deixava muito a desejar.

Não fizemos mais que transcrever a noticia que vimos publicada em varios jornaes do Porto e da Capital, mas o nosso collega «Alto Minho» tendo deixado passar e corêr impunemente e sem rectificação, aquella noticia, impressionou-se grandemente com a transcrição feita pelo «Jornal de Melgaço», e logo nos sahio á estacada com aquella gaihardia pouco fidalga, com que ha muito o conhecemos.

Nós, mais prudentes, não querendo embrenhar-nos em um *dirás tu, direi eu*, que é sempre pouco agradável, retiramo-nos e fingimos não comprehendêr o final acintoso da sua arremetida, que

uma simples transcrição, sem malicia, occasionou e provocou. Entretanto não era justo deixar os nossos presados leitores, com a ideia, que a noticia então publicada era falsa, porque hoje podêmos garantir que por ordem superior, se está levantando, na administração d'aquelle concelho, uma investigação sobre a cobrança das congruas, o que prova que alguma cousa houve e de tal ordem, que as instancias superiores, ordenaram uma sindicancia.

N'outros concelhos tudo vae bem, tudo nada em um mar de rosas:—quando se veem apertados, compram-as por mênos dez mil reis que a sua lotação e... e tudo é negocio!

AGRICULTURA

Os ossos como adubo

Os ossos são directamente utilizados como adubo das terras, inteiros, moídos, queimados e reduzidos a pó, ou indirectamente sob a forma de residuos transformados industrialmente por processos chimicos em superphosphatos de cal.

Os ossos inteiros ou moídos são de utilização muito demorada, devido á gordura que encerram, pelo que convém queimar-os ao de leve e reduzir-os depois a pó. A combustão rouba-lhes a gordura e a gelatina; diminuem por tal motivo em peso, mas, como a quantidade de phosphato que continham se conserva a mesma, a proporção por 100, d'este adubo, fica tanto maior, quanto mais materia organica desaparecer dos ossos.

A queima facilita enormemente a sua redução a pó, a sua applicação é mais fa-

cil, e o seu valor fertilisante maior.

Costumamos, logo que temos reunida uma grande porção de ossos, fervê-los durante bastante tempo em agua pura, a fim de lhes tirar a maior parte possivel do sebo e gelatina que contiverem.

A seguir extraímos da agua e pomol-os a seccar ao sol, e, logo que estejam bem seccos, mettemol-os em um fórnio até estarem em condições de poder sêr facilmente reduzidos a pó.

Este pó, muito rico em phosphato de cal, utilisamolo depois conforme as necessidades agricolas.

Preparado por nós o adubo de ossos, sabemos que possui todas as suas valiosas qualidades fertilizadoras que o recommendam, o que já não acontece com o que se encontra no mercado, vendido sempre por alto preço, e proveniente das fabricas que, depois de terem utilizado a parte principal no apresto de botões, cabos de instrumentos varios, na clarificação do açucar, na extracção do sebo, da gelatina, etc., o misturam com substancias inertes para lhe augmentarem o volume.

(Da «Gazeta das Aldeias».)

Depois do fuzilamento

Os ultimos momentos do propagandista Ferrer

A leitura da sentença durou desde as sete horas ás oito menos um quarto e Ferrer escutou-a com tal serenidade que impressionou o proprio juiz. Na capella estava o rev. Elhy Hernan-

dez, capellão da fortaleza. Ferrer recusou o seu auxilio a pretexto de que tinha de escrever e pediu-lhe para se retirar.

—A sua presença, que muito apprecio—disse elle—poderia distrahir-me. Peço-lhe, pois, que se retire e perdoe a minha falta, apparente, de cortezia. O padre respondeu-lhe que o regu-lamento do castello o obrigava a ficar.

—Arranjar-me-hei de forma a não vos perturbar. Retirar-me-hei para um canto da capella e podereis escrever tranquillamente.

Delicadamente Ferrer insistiu em ficar só na capella e, em face d'essa insistencia, o capellão sahio e disse que voltaria de meia em meia hora para lhe prodigalisar os cuidados espirituaes necessarios. Recusou tambem os cuidados dos irmãos da Paz e Caridade e do jesuita Domenech, que em nome do bispo lhe offercia os soccorros da religião.

Como Paz Ferrer soube do fuzilamento

Paz Ferrer, devorada de angustia, andava nas ruas de Paris procurando saber noticias de seu pae entre a multidão, angustiada, e subindo aos escriptorios do *Matin* soube, brutalmente, o que succedera. Um vendedor de jornaes estendeu-lhe a folha tarjada de luto e ella leu. Tinha sabido do jornal o *l'ora-maire* de Douvres e as salas estavam ornadas de flôres, n'uma grande festa. Perdeu os sentidos e depois explicou que o rei se enganara entregando ao pelotão das execuções um homem cujo unico defeito fóra desejar ir além do seu tempo, de querer fundar escolas de livre pensamento, bibliothecas onde os livros condemnados pelos frances existiam, de ter luctado com uma

AMOR E DINHEIRO

PRIMEIRA PARTE

As victimas do Coração

CAPITULO VI

OS PEQUENOS SEM NOME

—Morreu! ah! infeliz mulher! como sois joven ainda e já supportastes tantas infelicidades! oh! por este lado estaes completamente só em este mundo e estes pequenitos até hoje tem trazido sempre crêpes!... mas, minha querida filha, tendes agora uma outra familia que se esforçará por vos fazer esquecer as dôres passadas e unto da qual João e Magda-

lena encontrarão os carinhos que lhe faltam.

—Oh! senhor Dancourt, como as vossas palavras...

—Oh! tenho a plena certeza que, ao enviar-vos para cá, Paulo teve a mesma ideia!...

Ora verdade; as palavras eram as mesmas mas quanto differia o sentimento que as dictava!

Paulo tudo sabia; e elle, o velho, se mais tarde o soubesse...

—Agora sim, accrescentou o fereiro, agora comprehendo perfectamente o que se passou. Paulo era amigo de vosso marido, não é verdade?

—Sim, é; disse Joanna pouco distintamente.

—Compadecido por tantas infelicidades successivas,

pensou em attenuar as vossas dôres, em enxugar o vosso pranto, em supprimir o amôr d'aquelles que perdestes pela nossa, sincera affeição...

pensou bem e fez melhor, o nosso bom rapaz, accrescentou pausadamente o velho fereiro.

Joanna soffria horrivelmente ao ouvir estes leaes protestos de amôr, e a mentira que fóra necessario forjar torturava a sua consciencia de tal modo que esteve para se trair e declarar toda a verdade, nua e crúa, a este bom homem.

Mas este, satisfeito com o que tinha ouvido, ou pelo menos com o que julgara adivinhar, acabou de a interrogar.

Os dois pequenos, já fatigados pela longa viagem em

caminho de ferro e incitados ao somno pelo balanço regular do trem, acabaram por se encostar um ao outro e adormecer.

O velho Dancourt olhou-os attentamente e disse:

—Os pequeninos cedêram á fadiga e ainda temos um bom bocado para andar... vós tambem deveis estar fatigada!... as vossas palpebras já se fecham... não tenhaes receio procurae adormecer!...

—Na verdade, sinto-me um pouco cansada! disse Joanna, feliz por encontrar este pretexto para se isolar com os pensamentos que tumultuavam na sua cabeça.

—Ah! sim! esperae um instante! está a entardecer e agera a noite chega depressa; vou preparar tudo, ago-

ra, para depois vos não encommodar e em seguida pagando o cavallo, desceu do carro e accendeu as lanternas... quando subiu quiz á fina força que Joanna se embrulhasse nas suas mantas.

—Vamos! obedeci-me, minha querida filha!... d'outro modo em breve vos encommodaria a frescura da noite.

—Como sois bom e como vos agradeço...

—Dormi... dormi...

Joanna encostou-se á esquina da carruagem e fechou os olhos.

Dancourt chicoteou Bichette e, depois de ter accendido o seu cachimbo, admirou por muito tempo com um sentimento de profunda compaixão esta mãe e estes filhos,

bravura temeraria contra as forças omnipotentes que se impõem na Hespanha. Não teve uma palavra de censura para o rei; conservou a sua attitude, fazendo votos para que este acto não fira de morte a sua patria.

«Ferrer vivia unicamente para as suas idéas—disse ella—Por ellas morreu. A sua familia vivia n'um pequeno valle de Alelia e era religiosa, uns pequenos proprietarios vinhateiros cujas idéas bem depressa estiveram em desacordo com as de meu pae. Quando chegou a maior idade seguiu Ruiz Zorrilla. Foi posto fóra de casa; deserdatam-no. Viveu como ponde. Consciente de que a falta de instrução é o peor dos males para um homem ansioso de progresso, estudou, formou-se só-zinho, reuniu elementos para um dia, consagrando depois tudo o que possuia á criação das escolas pelas quaes pensava regenerar a juventude e preparar uma nova Hespanha.

Para instruir seus irmãos juntou á escola da rua de Bailen a biblioteca da rua Cartes, onde se praticou ha dias um definitivo auto de fé. Depois do seu processo de ha tres annos e da sua missão de treze mezes a escola decahiu. Tentou fazer a renascer com uma universidade popular. A bomba de Morral, rebentando aos pés do rei em Madrid, destruiu todos os esforços de meu pae na Catalunha. A sua supressão foi virtualmente decidida, n'essa epocha. Sabia-se que só a morte deteria no seu caminho esse homem, cuja vitalidade crepitava no seu olhar concentrado, cujos olhos frios e como sob cinzas escondiam uma alma de fogo latente que cousa alguma extingue. Chamaram a morte para fazer calar a voz que, apesar de tudo gritava a alta lição de um modernismo detestado. A insurreição recente foi o pretexto mas o que se fuzilou foi exemplo perigoso de uma consciencia que cousa alguma poderá arredar da sua fé.

Pormenores da execução

Diz-se que ao ser lida a sentença a Ferrer pelo promotor, elle exclamara:

—Cada um por sua vez... Seré morto mas o senhor tambem o será.

—Não se póde assegurar, todavia, que isto seja verdade.

Aos padres teria dito:

—Senhores, deixem-me em paz. Tenho as minhas idéas e estou convencido de ellas como os senhores das suas. Se querem discutir fiquem e fallaremos, senão retirem-se.

Sabe-se já que no seu testamento deixa alguns milhares de pesetas a Soledad e a seu irmão. Deixa o resto a seus filhos mas pede-lhes que não aceitem o legado, recordando que a origem de essa fortuna fóra para crear escolas. Queria que a sua obra fosse continuada e, no caso dos filhos renunciarem a essa fortuna, ella seria entregue a duas pessoas muito conhecidas no mundo revolucionario, as quaes seriam encarregadas da propoganda das escolas modernas.

Pediu aos irmãos de Paz e Caridade para não o acompanharem, e solicitou para morrer voltado para os soldados e com os olhos des-

vendados. Concedeu-se-lhe que morresse de frente mas collocaram-lhe um lenço nos olhos sob pretexto que não se concede aos traidores serem mortos olhando o inimigo.

Morreu sem soltar um grito, repetindo, até ao momento de ser collocado junto ao muro, a affirmção da sua innocencia. A sua attitude causou a melhor impressão, mesmo aos mais encarniçados dos seus inimigos. Uma bala atravessou-lhe a garganta e tres o craneo.

Em Barcelona

A morte de Ferrer não produziu em Barcelona a agitação que se esperava. Os jornaes deram seccamente a noticia da execução. O propagandista não era ali popular. Para de mais a censura tem sido rigorosa nos ultimos dias. O publico ignorou até as manifestações de França e procurou-se desacreditar a dizendo que tinham sido pagas e organisadas com o dinheiro do accusado. Não se formou corrente a seu favor. Ninguem se manifestou contra o julgamento do conselho de guerra. Não houve protestos de associações nem de operarios. Esperava-se, todavia, que explodissem algumas bombas, e a policia estava prevenida ha dias. Sabe-se o que succedeu, já. Rebutaram realmente, tres bombas. Correu o boato de que contra o defensor de Ferrer se instaurará um processo. E' muito possivel que seja julgado em conselho de guerra e que perca os seus galões, sendo internado durante alguns annos na fortaleza de Mahon, pagando assim a sua dedicação á causa de Ferrer.

Opiniões hespanholas

Sol y Ortega disse a um jornalista conhecer muito pouco Ferrer, mas apreciava os seus sentimentos generosos e altruistas, assim como a sua obra educadora e moral. Sente que a execução causará uma profunda impressão em toda a Hespanha e que serão affirmados os sentimentos de solidariedade dos liberaes. A agitação é latente e profunda em toda a Hespanha, disse elle. Prepararam-se graves acontecimentos pela execução de Ferrer. A revolução a produzir-se será social e não politica. Não será 1789, mas 1793 com mais gravidade por causa dos clericos, que dominam o paiz. A execução de Ferrer, não pela sua pessoa, mas pelas idéas que encerrava, foi o peor dos erros.

Julga que o inverno não se passará sem graves acontecimentos. Parece-lhe pouco segura a situação dos republicanos em Hespanha. Diz que pessoalmente o rei não é responsavel. O crime é dos clericos. Enquanto a Maura acha intoleravel a sua situação. E' um impulsivo, que se deixa levar por seus impetos e cujas faltas são de consequencias graves para a Hespanha.

Assim falla Sol y Ortega. A Epoca, órgão de Maura, declara que Ferrer era um espirito vulgar, pouco cultivado. Não era um chefe nem um caracter. Era uma figura representativa, não de idéas, mas de um movimento. Era a revolução pela revolução, a destruição pela destruição.

O addido militar hespanhol em Vienna, disse o seguinte:

Collegio de Nossa Senhora de Lourdes

para educação de meninas dirigido por distinctas professoras do Porto, devidamente habilitadas

MENSALIDADES

Alumnas externas

Table with 2 columns: Description and Price. Includes 'Primeiras letras' (500 rels) and 'Habilitação para exame de 1.º grau' (700 «).

(Incluindo os lavôres que lhe são proprios)

Table with 2 columns: Description and Price. Includes 'Piano' (25000 «), 'Francez' (25000 «), and 'Piano e francez' (35000 «).

Alumnas Internas

Table with 2 columns: Description and Price. Includes 'Para o 1.º grau' (85000 «) and '« 2.º grau' (105000 «).

Semi-Internas—contracto especial

Para mais informes, dirigir-se á directora, Ex.ª Sr.ª D. Maria das Dôres Teixeira da Costa.

«Ferrer era um demagogo. Fundou na Hespanha uma escola anarchista e as suas complicitades com os revolucionarios catalães estabeleceram-se pela sua correspondencia e pelas testemunhas. E' injusto dizer que nos tribunales houve processo sumario quando elle dorou um mez e foi procedido da mais rigorosa instrução».

O embaixador de Hespanha junto ao Quirinal disse:

«Francisco Ferrer é um anarchista, um anarchista intellectual—diz elle. Mas o facto é que a sua propoganda activa e continua, exerce uma influencia enorme, especialmente na classe onde se recrutam os anarchistas pelo facto. Acrescenta que Ferrer era banqueiro dos anarchistas e dos partidos revolucionarios hespanhoes. Recordou que elle estivera preso quando do attentado contra o rei de Hespanha, ao saber-se que Morral era um dos seus discipulos queridos e que elle lhe deu dinheiro para ir a Madrid. Ha ainda um pormenor que mostra a fortuna que o revolucionario tinha com as mulheres—disse o embaixador. O philosopho tinha uma amiga formosissima pela qual Morral estava enamorado. Ferrer deu-lhe dinheiro para se retirar de Barcelona e pouco depois sabia do attentado contra Affonso XIII. Ferrer foi preso mas viu-se que estava innocente e logo o puzeram em liberdade».

Os advogados de Lisboa telegrapharam ao capitão Glaceran, que defendeu Ferrer, nos seguintes termos:

Entre as muitas personagens que figuram no tragico julgamento de Francisco Ferrer y Guardia, uma ha que o sangue do intelligente educador abençoou. Sois vós, capitão Glaceran, essa figura. Tão honrado, nobre e desassombrado, bem mereceis os applausos de todo o mundo culto e em especial as homenageas respeitadas dos que passam a vida a desempenhar a alta missão de defensores. Os abaixo assignados, advogados de Lisboa, saudam-vos e felicitam-vos com a mais elevada consideração e respeito.

O duello

Ao pensarmos no duello, n'esse verdadeiro crime que, principalmente nas altas camadas da esphera social, se está praticando, perguntamos a nós mesmos se a civilisação avança ou retrocede.

Mas, como avançar ou retroceder é caminhar, concluímos, que a tão apregoada civilisação do seculo vinte marcha em retrocesso a passos agigantados.

Será esta conclusão descabida ou infundamentada?

Que o digam, se isso lhes aprouver, os amadores de tal genero de sport.

O duello, a meu ver, não só é pernicioso em seus terribéis effeitos, como de absoluta nullidade social.

Ha, infelizmente—e dizem-se civilisados!—quem chame ao duello o campo da honra, como se a honra se possa illibar com um traço de golpe de sabre.

Além disso, perguntamos, qual dos contendores terá probabilidade de victoria, o offendido ou o offensor?

Naturalmente, é claro, tal probabilidade está da parte do mais forte, do mais agil e do mais destro.

Logo, se o offendido for de inferioridade relativa ao seu contendor, os effeitos do duello são, além de nullos, contraproducentes, por isso que aquelle, n'este caso, fica duplamente offendido—phisica e moralmente.

Chamar ao duello o campo da honra, é, para mim, o mesmo que chamar a uma tourada hespanhola um espectáculo attrahente.

N'um ou n'outro caso, isto é, no duello ou na tourada, ha falta de sentimentos humanitarios, por isso que só se commettem barbaridades inqualificaveis, sem que haja um motivo que as justifique aos olhos da gente sensata.

A liça ou a arena, são, para mim, dois campos, onde a cobardia e a selvageria campeiam infrenes á sombra d'uma lei que nada tem de humana e de utilitaria.

Antigamente, diz um nosso escriptor, chamavam-se os animaes á arena para entretenimento dos homens, hoje chamam-se os homens á liça para entretenimento

dos animaes.

Realmente assim é.

Não seria muito melhor, que essas energias e vidas, gastas em quaesquer dos campos, fossem empregadas no engrandecimento da patria, que d'ellas tanto carece?

A. R. d'Oliveira.

NEGOCIARIO

Posse

Na quinta feira da semana passada, tomou posse do logar de delegado do procurador regio d'esta comarca, o sr. dr. José Ramos Pereira.

Ao acto, assistiram todos os empregados do julzo e os srs. dr. Adriano Vaz e um ecclesiastico da praia d'An-cora.

O caso do seminario de Beja

Parece que o sr. conselheiro Francisco José de Medeiros, ministro da justiça, no intuito de resolver o conflicto ha tempos levantado entre o governo e o rev. bispo de Beja por ter este prelado exonerado d'is professores d'aquelle seminario, contra o que preceitua a lei de 28 de abril de 1845, officiou em meados da semana finda ao sr. D. Sebastião de Vasconcellos, demonstrando-lhe a illegalidade do seu proceder e convidando-o a reintegrar os revs. Ançã nos seus logares de professores, de que haviam sido destituídos sem attenção pelas prerogativas da corôa.

O nosso collega «Novidades», alludindo ao assumpto, screvia ha dias o seguinte:

Considera o sr. bispo de Beja, por qualquer motivo, os sacerdotes em questão indignos de exercerem as funcções do professorado? Não merecem elles a sua confiança, por incapacidade intellectual ou moral negligencia no serviço, ou por outra qualquer razão? N'esse caso proponha ao governo a respectiva demissão, fundamentando a proposta;—o governo, como determina a lei, ouvirá os interessados e, depois d'isso, procederá como fóir de justiça, exonerando-os ou não, conforme entender, no uso da incontestavel soberania do poder civil. Tal é a verdadeira doutrina, a unica accetavel, racional e justa. Tudo quanto não fóir isto que, segundo ouvimos, consta do officio cordato, sensatissimo, do sr. ministro da justiça ao sr. bispo de Beja, será uma invasão de poderes affrontosa para as leis do paiz e, consequentemente, intoleravel.

Vales Internacionais

Durante a corrente semana, vigoram as seguintes taxas para a emissão e conversão de vales do correio internacionaes:

Table with 2 columns: Currency and Rate. Includes 'Franco' (203 reís), 'Marco' (249 «), 'Corôa' (212 «), 'Peseta' (190 «), 'Dollar' (18050 «), and 'Esterlino' (47 1/2).

Conde de Mangualde

A fim de fazer uso das aguas do Pezo, chegou ha dias ao Grande Hotel Quinta do Pezo, o sr. conde de Mangualde.

Com os nossos mais respeitosos cumprimentos, fazemos votos porque S. Ex.ª aífira os melhores resultados.

Edifícios escolares

O nosso presado collega Primeiro de Janeiro publicou, ha poucos dias, um excellento artigo sobre o problema da educação, fallando dos edificios escolares, dizia:

«Por esse paiz fóra, os edificios escolares são pardi-eiros, onde as creanças não encontram nem o conforto nem a alegria de que carecem, para o seu desenvolvimento physico, intellectual e moral».

E as Novidades accrescentam:

«Pedimos licença para completar a informação. Em 1905, o governo suspendeu a construção dos edificios escolares; mas não cuidou de saber, nem até agora ninguém pensou n'isso, do estado em que se encontravam as obras suspensas. O resultado foi que essas escolas ficaram, e estão, em grande numero, em completa ruina, por falta de acabamento, o que, além de um enorme prejuizo de dinheiro, traduz a incuria, o desleixo e o desmazelo dos poderes publicos do paiz, que só pensam e se enredam na mais lastimavel politiquice».

Previsão do tempo

Diz o metereologo Sfeijon. com referencia á segunda quinzena do corrente mez:

No dia 16 apresentar-se-ha uma depressão do Atlantico na Andaluzia, occasionando chuvas e tormentas na península, especialmente a sudoeste e ao centro.

No dia 17, a depressão irá para este continuando o mesmo tempo.

No dia 18, passará a noroeste da Galliza outro nucleo de forças, causando algumas chuvas n'aquella região e em Portugal.

De 19 a 20, as baixas pressões do noroeste e norte da Europa farão sentir os seus effeitos no noroeste e norte e a nordeste.

Em 21, virão outras depressões da Escocia e França, originando algumas chuvas na metade septentrional da peninsula.

No dia 22, haverá, pelo mesmo motivo, tempo variavel e chuvas a norte e a nordeste.

No dia 23, mudará a situação metereologica, passando as chuvas para o levante e centro da peninsula.

Em 24 e 25, chuvas e tormentas, nas regiões proximas ao Mediterraneo.

Em 26, chuvas a noroeste da peninsula, estendendo-se um pouco para o centro.

Em 27, chuvas e algum temporal, desde o Cantabrico ao centro.

Em 28, algumas chuvas ao norte e nordeste da peninsula.

De 29 a 30, tempo nublado e alguma chuva desde Andaluzia e levante até ás regiões centraes.

Em 31, o mesmo tempo.

Francisco M. da Costa e Silva

PROPRIETARIO
DA
SAPATARIA CENTRAL
EM
VALENÇA DO MINHO
Rua do Conselheiro Lopes da Silva

Neste estabelecimento, encontra-se um variado sortido de calçado para homens, senhoras e crianças, sendo de notar que a solidez, bom acabamento e optimos cabedões empregados, junta-se a modicidade de preços, facto incontestavel que levou á SAPATARIA CENTRAL o largo credito de que goza e os numerosos freguezes que todos os dias a procuram.

Nesta casa, não só se executa obra nova em todas as qualidades e feitios, mas tambem se fazem todos os concertos com a maior solidez e sempre cabedões de 1.ª qualidade.

Tambem tem um grande sortido de pomas allemãs e americanas, para conservação do calçado, e em todas as cores, que vende por preços sem competencia.

Por contracto que fez com a viuva do falecido João Alves da Cunha, participa aos ex.ªs freguezes de Melgaço que todos os dias e de cada mez recebe as suas estimaveis ordens na pharmacia do sr. Araujo.

CARTÕES DE VISITA

Desde 300 a 600 réis o cento.

TYPOGRAPHIA
DO

"JORNAL DE MELGAÇO"

ESTA officina encarrega-se de todos os trabalhos typographicos, como jornaes, livros, cartazes, programmas para theatros, mappas, cartas funebres, memorandums, bilhetes para rifas, facturas, participações de casamento, recibos para confrarias e juntas de parochia, etc.

Encarrega-se tambem de impressos para repartições publicas e camaras municipaes.

PREÇOS MODICOS

CARTÕES DE LUTO

Desde 600 a 800 réis o cento.

OFFICINA DE FUNILEIRO E PICHELEIRO

**—DE—
JOÃO BAPTISTA REIS**

FUNDADA EM 1880

RUA DA CALÇADA—MELGAÇO

Construem-se gazometros para produzir gaz acetyleno.

● triumphante appaarelho automatico sem rival é superior a todos os systemas até hoje conhecidos. Isento de perigos, de funcionamento absolutamente garantido e perfeito, recommenda-se pela sua simplicidade, segurança e economia.

Executa-se em todos os tamanhos, com um ou dois geradores, podendo servir para illuminação de casas particulares, commerciaes ou villas.

Encarrega-se da montagem de canalisações para agua ou gaz em qualquer terra de paiz e da compra de tubos de ferro ou chumbo, torneiras, bicos, carboneto de calcio, candieiros e todos os seus accessorios, desde o mais simples aos mais luxuosos, para o que tem correspondencia directa com as mais importantes casas, no genero, de Lisboa e Porto.

Executa com perfeição toda a obra concernente á sua arte, por mais difficil que seja, tanto em metaes como em folha, zinco, chumbo e ferro zincado.

Preços limitadissimos

GAZOMETROS CONSTRUIDOS N'ESTA OFFICINA:

- 10.º—Para a casa de morada do sr. Domingos Ferreira d'Araujo, d'esta villa.
- 11.º—Para a «Perola do Minho» do sr. Armindo de Lourdes Lourenço, n'esta villa.
- 12.º—Para o «Café Melgacense» do sr. José Candido Lopes.
- 13.º—Para a sede da Associação de Soccorros Mutuos «Centro Artístico Melgacense».
- 14.º—Para a vivanda e casa commercial do sr. Antonio Augusto d'Araujo, em S. Gregorio.
- 15.º—Para a vivanda da «Serra», em Prado, propriedade da ex.ª sr.ª D. Sarah Solheiro d'Oliveira.
- 16.º—Para o «Restaurante e Café Brazil», no Pezo, do sr. Luiz José Outeiro.
- 17.º—Modificação para o seu systema **sem rival** no appaarelho vindo de Vigo para o sr. José Ferreira Las Casas, d'esta villa.
- 18.º—Modificação para o seu systema **sem rival** no appaarelho vindo do Porto para o sr. José Barbosa Martins, de S. Martinho d'Alvaredo.
- 19.º—Para a casa de morada do sr. dr. Manoel Joaquim Gonçalves, d'esta villa.
- 20.º—Para a «Padaria Progresso» do sr. João da Cunha Moraes, d'esta villa.
- 21.º—Pequenos gazometros para a illuminação publica, d'esta villa.
- 22.º—Para a casa de morada do sr. Luiz Maximo Ferreira, em Remoães.
- 23.º—Para a sede da «Associação União Melgacense».

COLCHOARIA

Joaquim Peixoto e Ives

COFRES legitimos á prova de fogo.
FOGÕES de fogo circular, com caldeiras cylindricas, para lenha e carvão.
CAMAS de ferro e metal.—LAVATORIOS de ferro.
LOUCAS de ferro esmaltado e estanho.
COLCHÕES e ENXERGÕES de palha, folhelho, lã, crina e summauma
BANHEIRAS, BALDES, BACIAS e todas as obras de zinco.

EXECUTA TODAS AS OBRAS DE FERRO

OFFICINAS: 31, Cima de Villa, 33
DEPOSITO: 129, Sá da Bandeira, 133

PORTO

Ourivesaria e relojoaria UNIÃO

**—DE—
PONTE & MAIA**

PRAÇA DE DEU-LA-DEU. 78 E 81

MONSÃO

N'ESTE estabelecimento recentemente montado encontra-se um completo e variado sortido de objectos d'ouro e prata, crystaes guarnecidos a prata e ouro, relógios de algibeira tanto para homem como para senhora (ultimos modelos), ditos de sala e meza e um variado sortido em estojos e objectos para brindes. Longines, relógios d'alta precisão. Fazem-se todos os concertos em ouro e prata assim como em relógios, garantindo todos os seus trabalhos.

Aos excellentissimos freguezes e ao publico em geral recommendamos que não comprem n'outra parte sem primeiro visitarem o nosso estabelecimento na praça de Deu-la-Deu ou o da rua do dr. Luiz José Dias, pertencente a mesma firma.

Os proprietarios d'estas duas ourivesarias percorrem todas as feiras circumvisinhas onde recebem ordens dos seus estimados freguezes.

Preços os mais modicos

TOMOS MENSAES
Contendo 5 fasciculos com mais de
20 MAGNIFICAS GRAVURAS
além de pequenas gravuras, lettras ornadas, etc.
Preço de cada tomo
300 réis 300

HISTORIA DE PORTUGAL

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Edição popular e illustrada, sob a direcção do notavel artista **ROQUE GAMEIRO**. A mais útil, mais luxuosa e mais barata de quantas publicações se tem feito a cabo em Portugal.
Dirigir os pedidos de assignatura:—LISBOA, Parceria A. M. Pereira, rua Augusta, 50 54; Livraria Moderna, rua Augusta, 93; P.O. 110, Gualdino Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º e a todas as livrarias do paiz.
Estão publicados 11 FASCICULOS e 2 TOMOS que se enviam mediante 60 réis cada fasciculo e 300 réis cada tomo, a quem os requisitar á rua Augusta, 95, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

FASCICULOS SEMANAES
Contendo 2 folhas de 8 paginas cada, a 2 columnas, 4.º grande e inserindo, pelo menos
4 MAGNIFICAS GRAVURAS
além de pequenas gravuras, lettras ornadas, etc.
Preço de cada fasciculo
60 réis 60